

Números do desempenho

O IBGE volta à média com a seguinte divulgação: aumento de 1,53% no PIB do segundo semestre deste ano, em relação ao trimestre anterior. A indústria foi o motor que puxou esta evolução: 7,05%, com destaque para o setor de transformação. No semestre, o PIB cresceu 1,22%, ante o mesmo período de 97, devido principalmente ao empurrão dado pela atividade industrial.

Em relação ao PIB, estimativamente, a renda do Espírito Santo continua evoluindo acima da média nacional. Entretanto, os números do desempenho da indústria capixaba até junho foram inferiores à média brasileira constatada pelo IBGE. Ao final do primeiro semestre, a indústria de transformação no Espírito Santo havia crescido apenas 0,65%. Nos 22 gêneros industriais pesquisados pelo Instituto de Desenvolvimento (Ideies), o resultado semestral foi de +3,63%. Em julho, porém, a indústria instalada no ES aumentou seu faturamento, registrando +8,40%. Em agosto, já começaram a aparecer nas exportações os revezes da retração das exportações e, por causa disso, a média das vendas industriais capixabas caiu 13,33%, fortemente influenciadas pelo comércio externo. Acrescente-se a este quadro o fato de agosto tradicionalmente não apresentar fator de dinamismo na demanda do mercado interno.

A divulgação que está ocorrendo hoje, sobre o aumento de 1,53% do PIB trimestral, sucede o anúncio feito no último dia 28, segundo o qual o PIB do país expandiu-se 3,68% em 97, atingindo R\$ 866 bilhões – dos quais o Espírito Santo respondeu pela fatia de 2%. É, portanto, a segunda investida do IBGE em poucos dias, visando a contrabalançar tendências e números recessivos. Mas eles precisam ser considerados. Antes da intensificação da crise na Ásia e da implosão da Rússia, as projeções do próprio IBGE eram de que o PIB fechasse o ano de 98 com +1,5% e até poderia chegar a 2%. Agora, depois dos impactos na economia provocados pela alta dos juros, a nova previsão do IBGE é a que o PIB neste ano fique positivo entre 0,5% e 1%. Assim mesmo, para alguns setores econômicos há otimismo nesse cálculo.

Depois de setembro, com a alta espetacular dos juros, a economia do país passou a ser outra, com cenários mais complicados do que os anteriores e que já provocam queixas de todos os setores. Resta saber o que virá depois de outubro, com o anunciado ajuste fiscal.



O ajuste fiscal, nos dias de hoje, com força de consenso no país, tem merecido seguidas manifestações na iniciativa privada, visando a explicitar sua posição. Ontem mesmo, a CNI, após ouvir as federações dos Estados, voltou a repisar o assunto. Conforme tem dito aqui a Findes, em coro com a Associação Comercial de Vitória e o Fórum dos Empresários do ES, a iniciativa privada defende o ajuste fiscal, só não quer que ele se processe pelo aumento da carga tributária – já considerada exorbitante e, obviamente, danosa à competitividade das empresas. O ajuste fiscal é considerado indispensável na busca do equilíbrio das contas públicas, dizem os empresários, porém advertem que os resultados devem vir dos cortes nas despesas do custeio governamental. Claro que esse é o figurino desejável. O grande questionamento é se apenas por essa via (enxugamento do custeio) será possível obter o ganho fiscal de R\$ 25 bilhões.